

Fátima: Um assunto inacabado

por Catherine Pearson

O texto seguinte foi uma comunicação apresentada na Conferência *O Desafio de Fátima*, que se realizou em Roma a 6 de Maio de 2010.

I PARTE O que é que não foi feito?

Boa tarde! Quero desde já agradecer ao Padre Gruner e a todos os outros representantes desta organização por me terem convidado a participar e a estar aqui convosco, e também por todo o trabalho que têm vindo a fazer durante tantos anos em prol de Nossa Senhora de Fátima.

O meu tópico de hoje é “Fátima: Um assunto inacabado. Não só o quê, mas também porquê”.

Difícilmente se poderia imaginar uma situação mais auspiciosa para enfrentar o desafio deste tópico do que nesta Conferência, aqui no meio de vós, os seus organizadores, oradores e demais participantes. Até porque é evidente, a partir dos oradores que já ouvimos, e daquilo que muitos deles já estudaram e sobre que escreveram no passado, que este é um grupo capaz e desejoso de pôr a história de Fátima no seu contexto adequado.

A história de Fátima não é apenas a história, mesmo sendo uma notável e absorvente história verdadeira, da Rainha da Paz que desce à terra para trazer uma Mensagem de paz, assim como admoestações urgentes a três crianças inocentes. Nem é simplesmente uma Mensagem destinada só a elas, mas sim ao mundo inteiro, e confirmada pelo irrefutável e assombroso Milagre do Sol, testemunhado por dezenas de milhares de pessoas.

Não. Fátima é tudo isso e muito mais. É, como o falecido Padre Malachi Martin salientou, o acontecimento fulcral dos últimos cem anos, a lente através da qual a luta gravíssima entre o Bem e o Mal, com que se deparam as almas dos homens do nosso tempo, pode ser observada na sua formidável e aterradora realidade. É o prisma através do qual podemos ver todo o padrão que se reflecte no que poderia dar ideia que fosse uma série de desafios variados e isolados no mundo contemporâneo – desafios nas esferas sobrenatural, histórica, religiosa, moral e geopolítica.

Aqui, pelo menos, está um grupo unido no seu Amor e na sua entrega à Rainha do Céu, e no seu desejo radical de saber toda a verdade da nossa existência precária,

confiante em que, sejam quais forem as tribulações que tenhamos de enfrentar, por fim, o Seu Imaculado Coração realmente triunfará. Aqui, temos, um grupo de homens e mulheres que conhecem e amam a sua Fé Católica, que são leais aos ensinamentos da Igreja e do Santo Padre, e que apreciam a sua História Católica – a fonte de todo o Bem na civilização contemporânea, mesmo se aqueles que o recebem no final têm disso consciência ou não.

Hoje há tanta gente, tantos Católicos, que tentam compreender os perigos e as degradações que assaltam o mundo e as suas famílias, concentrando-se numa área em particular, como a liturgia ou a política, ou agarrando-se à consolação de devoções particulares ou de movimentos no interior da Igreja, mas são incapazes de ver o quadro em toda a sua grandeza. Ficam-se a olhar só para uma pequena parte da pele do proverbial elefante. Através da lente de Fátima e com a graça da coragem que o Espírito Santo nunca deixa de providenciar, podemos aprender a ligar os bocados, mesmo que recuemos perante a imagem que vai emergindo.

Haverá aqui assuntos inacabados?

Aquilo que todos ouvimos nos últimos três dias e também já hoje, orador atrás de orador, confirmou o que a maior parte de nós já conhecia, ou de que tinha, pelo menos, fortes suspeitas, devido a leituras ou pesquisas pessoais ao longo de muitos anos. Há, com efeito, assuntos respeitantes a Fátima que estão inacabados. Há, com efeito, assuntos inacabados na história de Fátima, respeitantes às ordens dadas à humanidade e ao Santo Padre por Nossa Senhora, quando apareceu à Lúcia, a Francisco e a Jacinta em 1917, e que Ela e Nosso Senhor desenvolveram em subsequentes aparições à Irmã Lúcia, no seu convento.

Como nos foi dramaticamente recordado na Terça-feira, há assuntos inacabados respeitantes ao Terceiro Segredo. E, como nos foi recordado já hoje, há assuntos inacabados respeitantes à Consagração da Rússia.

As muitas discrepâncias em relação ao Segredo ainda não foram explicadas. Entre elas:

- As dimensões e o aspecto do papel onde foi escrito;
- A colocação dos envelopes e o que está escrito neles;
- A abrupta mudança de posição da Irmã Lúcia em 1989;
- A origem celeste *versus* alegadamente humana da data de 1960 para divulgação do Segredo e da oração “Ó Meu Jesus”;



Da esquerda para a direita, Suzanne Pearson, Catherine Pearson e o Padre Gruner em *O Desafio de Fátima*, em Maio de 2010. Catherine é a autora deste artigo, que suscita reflexão, bem como de “[Chegou a Hora](#),” que publicámos no Nº 91 de *The Fatima Crusader*.

- Os pormenores da visão publicada em 2000 *versus* as interpretações que lhe foram dadas;
- Se o seu significado pertence ao futuro ou inteiramente ao passado;
- O que é que a Irmã Lúcia disse realmente ao Cardeal Bertone em 2000 e 2001.

Podíamos continuar ainda mais com estas minúcias, pois cada pormenor apresentado pelo Vaticano serve apenas para levantar mais perguntas não respondidas. E, claro, há o caso dos assuntos inacabados com respeito ao Segredo que ninguém pode negar de modo credível: o encobrimento das palavras de Nossa Senhora. E isto é claro, tanto pela evidência intrínseca como extrínseca.

- Há o conteúdo, ainda não revelado, do famoso “etc.”;
- Há o facto de o comentário sobre a fé em Portugal não ter ligação com os assuntos anteriores e só se poder relacionar com o que vem a seguir;
- Há o facto de Nossa Senhora ter achado necessário explicar a visão do inferno, que, pela descrição da Lúcia, não oferecia qualquer dúvida a partir do seu aspecto “vídeo”, mesmo não havendo qualquer “áudio” que o explicasse; e querem que acreditemos que a nossa Mãe Santíssima não viu qualquer

necessidade de explicar a visão do “Bispo vestido de branco” que, como sabemos pelas muitas interpretações que já lhe foram dadas, não se explica por si próprio;

- Há as referências específicas às “palavras” de Nossa Senhora, feitas por aqueles que leram o Segredo – não só a própria Irmã Lúcia, mas também o Cardeal Ottaviani (e, notavelmente, pelo porta-voz do Papa João XXIII, que, ao explicar a sua decisão de não revelar o texto, disse que, “embora a Igreja reconheça as aparições de Fátima, não se compromete a garantir a veracidade das palavras que os três pastorinhos dizem ter ouvido de Nossa Senhora”).

E há também o facto de que as descrições do conteúdo do Terceiro Segredo, feitas antes do ano 2000 por pessoas que se sabe que o leram, apontam para elementos que não se encontram na visão. Temos comentários dos Cardeais Ottaviani, Oddi, Ciappi, e do então Cardeal Ratzinger, assim como do Padre Malachi Martin (que disse que o Cardeal Bea Iho tinha mostrado na altura em que o Papa João XXIII decidiu não o divulgar), e ainda do próprio Papa João Paulo II em 1980. Sem citar as palavras textualmente, todos estes leitores do Segredo se referiram a um conteúdo que é compatível com a visão divulgada em 2000 mas que não está, sem dúvida alguma, contido nela.

Embora toda a verdade sobre o Segredo não possa ser conhecida com toda a certeza – no fim de contas, é um Segredo – poder-se-ia pensar que haveria pouco espaço para dúvidas no caso da Consagração da Rússia. Inúmeras vezes, até 1989, a Irmã Lúcia insistiu em três condições para que se cumprisse o pedido de Nossa Senhora para a Consagração da Rússia: (1) que a Rússia fosse especificamente nomeada como sendo o país a ser consagrado; (2) que a Consagração fosse feita de forma pública e solene; e (3) que o Papa devia fazer a Consagração juntamente com todos os Bispos Católicos do mundo.

Se tomarmos literalmente estas condições, é simplesmente um caso de registo histórico que não foi feita nenhuma Consagração que as seguisse:

- A Rússia nunca foi mencionada pelo seu nome, excepto numa carta apostólica enviada pelo Papa Pio XII aos povos da Rússia em 1952. O texto incluía uma declaração de Consagração, mas não se fez qualquer cerimónia.
- As consagrações públicas feitas por vários Papas, embora parecessem à primeira vista feitas em resposta ao pedido de Nossa Senhora de Fátima, foram Consagrações do mundo, e não da Rússia ou de qualquer outro país em particular.
- E embora algumas destas Consagrações tenham envolvido muitos Bispos, nenhuma chegou sequer perto de envolver todos os Bispos do mundo.

Como é evidente que a Consagração não foi feita segundo as instruções de Nossa Senhora, há uma tendência para mudar o debate para a questão de o que foi feito ter sido ou não suficientemente parecido para ser válido, do ponto de vista de Deus.

O Cardeal Bertone relatou que, nas suas longas entrevistas com a Irmã Lúcia em 2001, ela disse-lhe que “a Consagração pedida por Nossa Senhora foi feita em 1984 e foi aceite pelo Céu.” Embora a primeira metade desta frase seja impossível de reconciliar por completo com a sua insistência permanente em como a Rússia devia ser nomeada, a segunda afirmação, de que tinha sido aceite pelo Céu, não está totalmente oposta à posição que ela sempre teve: que Deus e a Mãe Santíssima acolhem mesmo as tentativas imperfeitas para cumprir os Seus desejos, mesmo que não cheguem a cumprir os Seus pedidos e, portanto, não tragam os benefícios prometidos. Por exemplo, a Irmã Lúcia insistiu que a Consagração do mundo, feita por Pio XII em 1942, ajudou a apressar o fim da Segunda Guerra Mundial, assim como, hoje, muita gente (e talvez até a própria Irmã Lúcia) considerou que a Consagração feita em 1984 por João Paulo II ajudou a realizar-se o colapso do Comunismo soviético.

Mas por grandes que sejam as bênçãos, não são a conversão da Rússia nem o tempo de paz que Nossa Senhora prometeu se o Santo Padre consagrasse a Rússia como Ela pediu. Nem estão de acordo com o cenário que Nosso Senhor expôs à Irmã Lúcia há tantos anos: uma conversão da Rússia tão efectivamente dramática – e directamente seguindo a Consagração daquela nação, feita pelo Papa – que convenceria toda a Igreja, em todo o mundo, sobre o poder de Maria e a importância da devoção ao Seu Imaculado Coração.

Mas é possível que, por altura da década de 1980, o Santo Padre e até a própria Lúcia se tenham resignado à conclusão de que nada mais seria possível no nosso tempo. Mesmo nos primeiros anos do seu pontificado, João Paulo II tinha dito a uma audiência na Alemanha que era tarde demais para evitar as tribulações sobre que Nossa Senhora de Fátima tinha avisado, e que estas só poderiam ser mitigadas, especialmente rezando o Terço.

Assim, talvez a Irmã Lúcia pudesse manter consistentemente:

a) que a Consagração a que as promessas originais de Maria estavam ligadas não tinha sido feita e talvez já não pudesse ser feita; mas:

b) que se tinha feito uma forma de Consagração que Deus considerou aceitável, de acordo com as circunstâncias, e que decorreriam dela bênçãos significativas. Isto não é pouco plausível, considerando que o nosso Deus é misericordioso e que, até no Antigo Testamento, exigia a conversão de toda uma cidade mas estava disposto a ficar-se por dez pessoas.

Quase que se pode imaginar o Papa João Paulo II – que se considerava o “Papa de Fátima,” que sentia tal gratidão para com Nossa Senhora que entregou o seu pontificado aos Seus braços maternais – a dizer, com efeito: “Aqui está, Mãe; é o melhor que ireis

receber.” E Maria Santíssima a conceder as bênçãos limitadas que vimos até hoje, com as palavras: “Aqui tens, querido filho, é o melhor que vais receber.” E depois os dois a olharem-se nos olhos, e Nossa Senhora a acrescentar entre lágrimas: “Mas se soubesses o que te queria dar mais.”

Mas havemos de nos contentar com meio pão? Não devemos aspirar a obter todas as bênçãos que Nossa Senhora prometeu? Não deveríamos fazer tudo ao nosso alcance para desviar as calamidades de que nos avisou, e a que Nosso Senhor aludiu ao mencionar o destino do Rei de França?

Embora Nosso Senhor tivesse dito que seria tarde, talvez ainda não seja tarde demais. O desejo ardente de todos o que aqui estão presentes, que o nosso Santo Padre consagre realmente a Rússia pelo seu nome, pedindo a todos os Bispos que se associem a ele, segue-se naturalmente a partir da resposta à última das nossas perguntas factuais: Há provas de que a Rússia já se converteu?

Como já ouvimos esta manhã de forma convincente, só podemos inferir, observando a evidência do mundo real, que a Consagração não teve lugar, porque – apesar da muito possível relação causal entre a Consagração de 1984 do Papa João Paulo II e o colapso do Comunismo no Bloco Soviético cinco anos mais tarde – é impossível apoiar a tese de que a conversão da Rússia já teve lugar. A partir de quase todos os critérios – quer seja a prática religiosa, a moral individual, a cultura popular, a liberdade religiosa, a responsabilidade governativa, a busca da paz – a situação actual na Rússia, como já ouvimos hoje, é de algumas maneiras tão má, ou quase tão má, e em certos aspectos ainda pior do que quando ainda governava o regime soviético.

Então porque não a fazem?

Apesar dos esforços do Vaticano para abafar as especulações sobre Fátima, a controvérsia continuou sem dar sinais de diminuir. Mas a maior parte da argumentação centrou-se em estabelecer o “quê” dos temas controversos de Fátima – onde está a verdade no que respeita ao Segredo, à Consagração, todos esses temas que acabei de enumerar? Mas num sentido real, essas perguntas já foram respondidas. É claro que não foram respondidas em todos os seus pormenores, nem respondidas de modo a satisfazer os cépticos no seio do Vaticano ou no mundo exterior, mesmo assim, de forma objectiva, os pontos principais estão assentes, graças às pessoas que gastaram o seu tempo a investigá-los. De facto, posso fazer ideia de como deve ser frustrante, para muitos dos que estão nesta sala, o facto de terem tentado há décadas fazer com que o Vaticano reconheça os simples factos que as suas investigações estabeleceram há muito tempo.

Mas, de muitas maneiras, a pergunta mais importante que devemos perguntar a nós próprios não é apenas “o quê,” mas “porquê.” Ou talvez eu devesse dizer: “Porque não? Porque não revelar o texto do Segredo? Porque não consagrar a Rússia pelo seu nome?”

Dar a conhecer o Segredo na integra

Deixarei para outra ocasião a maior parte dos “porquês” sobre o Segredo, embora sejam intrigantes e importantes. De facto, vou ter que me desviar deles apenas por um momento. Devemos perguntar, por exemplo, porque é que o porta-voz do Papa João XXIII disse que o Segredo não só não seria divulgado em 1960, o mais provável era que ficasse “para sempre sob um selo absoluto.” Porque é que o Cardeal Ottaviani disse que seria enviado para “um daqueles arquivos que são como um poço” onde “se afundaria profundamente nas profundezas escuras e negras”? Porque é que João Paulo II disse em 1982 que o Segredo podia ser “mal interpretado,” e o Cardeal Ratzinger disse em 1985 que a sua divulgação prematura podia resultar em “sensacionalismo” – em ambos os casos muito depois da recuperação do Papa do atentado de 1981?

A possibilidade de que o Segredo possa dar uma ideia desfavorável de certos eclesiásticos contemporâneos ou alertar para grandes castigos que hão-de vir – hipóteses que foram sugeridas por pessoas que chegaram a ler o Segredo de Fátima – não parece ser, só por si, uma razão provável para suprimir a Mensagem. Afinal, outras aparições aprovadas foram igualmente severas – La Salette alertando para a apostasia no seio da hierarquia e Akita avisando sobre isso e sobre castigos físicos severos, incluindo o “fogo a cair do céu,” matando “uma grande parte da humanidade.” O então Cardeal Ratzinger disse, de facto, que a Mensagem de Fátima é semelhante às de outras aparições marianas e, especificamente, de Akita.

Pode ser que a divulgação de um tal aviso no caso muito mais publicitado de Fátima tivesse repercussões mais generalizadas do que os mesmos avisos em aparições menos conhecidas, causando até pânico entre os fiéis, como houve quem receasse.

O próprio Papa João Paulo II, durante uma troca informal de impressões com intelectuais alemães em 1980, levantou a questão sobre se seria desejável publicar a Mensagem de Fátima – se, de facto, ela se referisse a inundações e a milhões de fatalidades, como alguns especularam. Mas visto que ele, momentos depois, insistiu que devemos prepara-nos para grandes tribulações e mesmo para o martírio, e devemos intensificar o recurso ao Terço, podemos também concluir que privar os fiéis dos avisos do Céu, mesmo que sejam assustadores, privá-los-ia injustamente do ímpeto de que podem precisar para se prepararem.

Portanto, vendo bem as coisas, o receio de alarmar as pessoas não parece ser uma razão óbvia para contrariar a Mãe de Deus, Que pediu que o Segredo fosse divulgado, mas não antes de 1960.

Todavia, é possível que haja razões mais estreitas e mais específicas. No mesmo encontro, o Papa João Paulo II disse que os seus “predecessores no Ofício Petrino preferiram diplomaticamente adiar a publicação, para não encorajar o poder mundial do Comunismo a tomar certas medidas.” Do mesmo modo, o Cardeal Ottaviani disse em



Giuseppe De Carli, co-autor do livro *O Último Segredo de Fátima*, juntamente com o Cardeal Bertone, estava desejoso de se apresentar para tentar defender a sua posição na Conferência *O Desafio de Fátima*. De Carli veio e aprendeu muitos factos em *O Desafio de Fátima*, Conferência que parecia ter sido delineada para ele. À partida, ele abraçou calorosamente o Padre Gruner, dizendo: “Obrigado, Senhor Padre Gruner, pelo grande trabalho que está a realizar.” A 11 de Maio de 2010, poucos dias depois de ter vindo a *O Desafio de Fátima*, ouvia o Papa Bento XVI a dizer, a ele e ao Mundo inteiro: “Todo aquele que pensa que a missão profética de Fátima pertence ao passado engana-se a si mesmo.” E a 13 de Julho de 2010, o Sr. De Carli falecia. Queiram juntar-se a nós em oração pelo eterno descanso da sua alma.

1967 que o Segredo era um assunto tão delicado que era necessário evitar que “caísse em mãos alheias”. Ainda em 1996, o Cardeal Ratzinger ecoou o conceito de “adiamento estratégico,” dizendo que “divulgar o Segredo só devia ser feito quando não fosse possível criar unilateralismos e desequilíbrio.”

Malachi Martin foi um daqueles que colocaram tais preocupações num contexto geopolítico e até mesmo militar. O “poder mundial do Comunismo” a que o Papa João Paulo II se referiu não era algo que o Padre Martin achasse ter-se dissipado em 1989, e ele considerou que era inteiramente possível que os Papas recentes tivessem receio de que uma divulgação em má altura do Terceiro Segredo de Fátima poria o Ocidente em perigo, ao expor as suas vulnerabilidades ao inimigo, por haver certas informações factuais altamente sensíveis nas palavras específicas de Nossa Senhora.

Sendo verdade, este cenário surpreendente explicaria a razão para o Segredo ter sido tratado como foi, quase como um assunto de informações militares, e colocado, ao que parece, na pasta pessoal do Secretário de Estado, o que é uma disposição bastante estranha em assuntos relativos a milagres e aparições.

Sem sabermos as respostas para todos os nossos “porquês” e “porque não” sobre o Segredo, é impossível dizer com certeza absoluta que a razão ou razões para a Santa Sé não divulgar o texto completo do Segredo não são boas razões, ou talvez suficientemente boas para justificar a atitude que decidiu tomar.

O que podemos dizer é que a posição actual, de fingir que o Segredo por revelar não existe, não pode ser mantida para sempre, e isso, só por si, afecta negativamente a credibilidade da Santa Sé.

E podemos também dizer que por mais prudentes que fossem as condições que, durante os últimos cinquenta anos, pudessem ter aconselhado a não divulgar o Segredo foram certamente previstas em 1917 por Nossa Senhora, e que confiar de modo a fazer o que Ela pediu, fossem quais fossem os seus custos e riscos aparentes, pode muito bem ser menos arriscado e menos oneroso do que as consequências de não fazer o que Ela pediu.

Consagrar a Rússia pelo nome

Hoje, porém, gostaria de me concentrar mais directamente na Consagração da Rússia. Este é um acto a que estão especificamente ligadas bênçãos quase inimagináveis se for feito, e graves consequências se não for feito. Ao contrário do Segredo, o seu conteúdo integral já é conhecido. Não há a rezear que informações estratégicas potencialmente prejudiciais possam ir parar às mãos erradas, nem que revelações embaraçosas sobre a apostasia ou a imoralidade na Igreja, que pudéssemos rezear, causassem escândalo.

Parece que um pedido tão simples, um pedido tão modesto e inocente da parte da nossa Mãe, ou seja, efectuar uma cerimónia feliz em que Ela é honrada de maneira especial, consagrando ao Seu Imaculado Coração um país pelo qual a Senhora muitas vezes mostrou o Seu afecto maternal ao longo da história, e onde Ela tem sido, desde tempos imemoriais, honrada na arte, na piedade popular e na vida litúrgica da Igreja Católica e também da Igreja Ortodoxa.

Deve-se perguntar, mesmo que já tivesse sido mais ou menos feito, ou feito de facto, ou que não fosse absolutamente necessário, ou que podemos estar certos de que a nossa Mãe Santíssima está disposta a aceitar menos:

Porque não fazê-la, seja como for?

Qual é o problema? Que mal haverá nisso? Porque é que se pôs de parte durante 70 anos, como se fosse algo absolutamente fora de questão? Como se fosse algo sobre o qual nem se deve falar, ou mesmo impensável? Porquê?

Este assunto pareceu-me ser importante para explorar, não para ver de quem é a culpa – **mas para tentar identificar quais serão estes impedimentos misteriosos, para melhor agir de modo a removê-los.**

Neste contexto, acho que também é importante ter presente o cenário que já descrevi sobre o receio de divulgar o Segredo. Se há inimigos globais em cujas mãos o Segredo de Fátima pudesse ser usado para desencadear grandes males sobre a humanidade, não estariam as mesmas forças em posição para ameaçar o Vaticano com retaliações se se fizesse a Consagração da Rússia? Não estou a pedir-lhes que aceitem este cenário como se fosse realidade, mas apenas que o tenham presente como uma possibilidade. Entretanto, vejamos algumas outras razões que possam explicar a relutância dos Papas em consagrarem a Rússia pelo seu nome, como Nossa Senhora pedira.

Uma teoria refere-se à fidedignidade do testemunho da Irmã Lúcia – quanto ao que Nossa Senhora pediu originalmente e a resposta específica requerida. Se as fontes do Vaticano duvidassem da credibilidade da Irmã Lúcia em transmitir o pedido de Nossa Senhora, isso iria prejudicar qualquer ideia de certeza ou urgência em se fazer a Consagração. E se duvidassem da sua credibilidade na transmissão das promessas de Nossa Senhora, talvez receassem um embaraço potencial para a Igreja se o Santo Padre insistisse em seguir a fórmula de Fátima e não se desse a conversão da Rússia ou um tempo de paz.

Que pudesse haver tais preocupações no caso de revelações particulares ou mesmo semi-públicas é um dado adquirido. É precisamente para evitar expor-se a esse tipo de escândalo que a Igreja não costuma dar apoio a aparições reportadas antes de elas terem acabado, ou a profecias de místicos antes de serem validadas pela História, ou à santidade de pessoas santas enquanto ainda estão vivas. Isto talvez pudesse explicar porque é que o Segredo foi enterrado em 1960 e modificado retroactivamente em 2000.

Mas esta explicação – a preocupação sobre a credibilidade – não é convincente no caso de Fátima. Foi o espectacular Milagre do Sol em 1917, e a terrível precisão daquilo que Nossa Senhora de Fátima tinha predito com respeito à Primeira e à Segunda Guerra Mundiais e à Guerra Fria, que já levou numerosos Papas a uma adesão muito mais pública a Fátima do que normalmente permitiria a regra de prudência no caso de fenómenos em progresso. E, de facto, a afirmação do Vaticano em como as Consagrações do mundo já tinham cumprido o pedido de Maria já o expõe ao desafio de provar o pedido de Maria. Então porque é que consagrar a Rússia haveria de criar qualquer risco novo a este respeito?

Se a Santa Sé, durante uma sucessão de pontificados, quisesse realmente pôr em causa o fenómeno de Fátima, quisesse arquivá-lo, desencorajar o interesse público, etc.,

tinha muitas maneiras de o fazer. Mas em vez de se distanciarem desta “revelação particular,” os Papas aceitaram-na abertamente com orações públicas, concessão de indulgências, instituindo a Festa Litúrgica do Imaculado Coração de Maria e a Festa de Nossa Senhora de Fátima em 13 de Maio, visitas ao Santuário de Fátima, e mantendo correspondência ou visitas com a Irmã Lúcia. E vários Papas fizeram Consagrações, claramente em resposta aos pedidos de Nossa Senhora em Fátima:

- Em 1942, Pio XII consagrou publicamente o mundo ao Imaculado Coração de Maria, fazendo uma alusão que podia interpretar-se como referindo-se à Rússia. E mais tarde, na encíclica *Ad Caeli Reginam*, instruiu todos os Bispos do mundo para que se associassem a ele na renovação daquela Consagração em 1954.
- Em 1952, respondendo a um pedido dos Católicos russos, Pio XII consagrou os povos da Rússia ao Imaculado Coração de Maria, mas numa carta apostólica, sem cerimónia nem a presença dos Bispos.
- Durante o Ano Mariano de 1954, tendo convidado os Bispos a associar-se a ele, Pio XII renovou a Consagração de 1942.
- No encerramento da sessão de 1964 do Concílio Vaticano II, o Papa Paulo VI renovou a Consagração do mundo ao Imaculado Coração, feita por Pio XII, e encomendou toda a Igreja ao Seu cuidado.
- O Papa João Paulo II, que afirmou publicamente que Nossa Senhora de Fátima lhe tinha salvo a vida na tentativa de assassinio de 1981, consagrou o mundo ao Seu Imaculado Coração durante a sua convalescença em 1981, e novamente em 1982, de forma muito pública, em Fátima.
- De novo em 1984, João Paulo II consagrou o mundo ao Imaculado Coração de Maria, convidando todos os Bispos a associarem-se a ele. Alguns Bispos, mas de modo nenhum todos, participaram de facto em celebrações simultâneas em diversas basílicas do mundo.
- Finalmente, em Outubro de 2000, o Papa João Paulo II, mais uma vez numa cerimónia muito pública, com quase mil e quinhentos Bispos presentes, “confiou” o “mundo” ao Imaculado Coração de Maria. Isto apesar da política firme do Vaticano, desde 1989, que insistia em como toda a gente, incluindo a Irmã Lúcia, reconhecia que a Consagração de 1984 já tinha satisfeito os pedidos de Nossa Senhora.

Podemos aprender várias coisas desta série de iniciativas: (1) os Papas não hesitaram em aceitar publicamente as aparições e a Mensagem de Fátima; (2) os Papas não consideraram embaraçoso fazer de novo a Consagração, só por ter sido feita antes; e (3) os Papas reflectiram de cada vez sobre o facto de não terem cumprido, de facto, o que a Consagração requer.

Talvez o mundo em geral, e até mesmo os seguidores de Fátima, tivessem há muito desistido de alguma vez ver a realização do cenário em três partes de Maria (a Consagração da Rússia, a conversão da Rússia e a era de paz no mundo) se os próprios Papas, em especial Pio XII e João Paulo II, não se mostrassem tão interessados em desejá-la, até mesmo quando não conseguiram levar-se a tomar as medidas necessárias para que acontecesse. Se a Consagração da Rússia tivesse claramente sido bem-feita da primeira vez, porque é que cada um dos Papas continuaria a tentar fazê-la, uma vez e outra, pelo menos três vezes cada? Porque é que o Papa João Paulo II, menos de uma semana depois da Consagração de 1982, explicaria a falha em mencionar a Rússia com as palavras, citadas no *L'Osservatore Romano*, que ele “tentou fazer tudo o que era possível nas actuais circunstâncias”? E dois anos mais tarde, porque é que se sentiu obrigado a acrescentar, depois de completar a fórmula de consagração de 1984, uma oração extra que não estava no texto original: “Iluminai especialmente os povos cuja Consagração e entrega estais esperando de nós,” – tal como Pio XII tinha incluído uma alusão velada a uma Rússia por nomear na sua Consagração do mundo de 1942?

Porque é que João Paulo II achou que devia fazer mais outra Consagração em 2000, depois de o Vaticano ter insistido desde 1989 que a Consagração de 1984 tinha conseguido fazer tudo o que era preciso? Porque é que ambos estes Pontífices enviaram repetidas vezes emissários de alto nível para questionar a Irmã Lúcia sobre exactamente o que Nossa Senhora tinha pedido? E porque é que João Paulo II perguntou repetidas vezes a assessores próximos, depois de ambas as suas Consagrações do mundo, se eles achavam que o que tinha sido feito satisfaria as condições de Nossa Senhora para a Consagração da Rússia?

É claro que estes Papas sentiram que era preciso mais; quiseram fazê-lo mas acharam que não podiam. Tentaram fazer tanto quanto era possível sem mencionarem a Rússia pelo nome – uma linha invisível que não ousavam cruzar. Aparentemente, razões de prudência tinham-no impossibilitado. À luz dessa história, identificar, rever e reavaliar essas razões é mais importante do que nunca.

II PARTE

Porque é que não fizeram a Consagração?

No número de Setembro de 2008 de *Inside the Vatican*, o meu artigo “É agora a altura”, que alguns de vós já terão visto, sublinhava que esse receio parece ser a principal força decisória por trás da política do Vaticano sobre a Consagração da Rússia. O Papa João Paulo II começou o seu pontificado com a exortação aos fiéis que se tornou, de certa maneira, a sua divisa: “Não tenhais medo.” Mas “medo” é precisamente o termo que a reacção do Vaticano à ideia de consagrar a Rússia pelo seu nome, desde a década de 1930 até hoje, parece indicar. Assim, teremos que perguntar a nós próprios: “Mas de que é que têm medo?”



Em cima (da esquerda para a direita), o Padre Gruner, John Vennari, Christopher Ferrara e John Salza em *O Desafio de Fátima*, durante a sessão de Fogo Cruzado sobre o tópico: “‘Conversão da Rússia’ significa conversão à Fé Católica.” Não deixe de ler a transcrição das suas respostas, a começar na página 17.

Seis receios possíveis

Ao considerar que receios possam estar a impedir os Papas de consagrar a Rússia pelo seu nome – e podemos provavelmente reduzi-los a não mais de meia dúzia – é importante ter presente que estamos a considerar impedimentos potenciais em dois níveis. Há receios que podem ser um factor no pensamento do próprio Santo Padre; e há quem possa motivar outros no Vaticano que estão na posição de promotor, apesar, atrasar ou descarrilar uma acção papal como a Consagração colegial da Rússia.

Primeiro Receio:

Já vimos que, durante as últimas décadas, os Papas não hesitaram em associar a Igreja e as suas pessoas às aparições de Fátima, nem recusaram fazer Consagrações em resposta aos pedidos de Nossa Senhora. É evidente que não recusaram estar a expor a Igreja a embaraços inaceitáveis, no caso de os seus actos não produzirem resultados, ou que a credibilidade das Consagrações anteriores seria prejudicada se fizessem outra. Não sabemos até que ponto estas preocupações, da parte de outros funcionários do Vaticano, possam ter atrasado ou diluído as acções tomadas pelos Papas, ou se fazer a Consagração de forma que preenchesse meticulosamente todos os requisitos de Nossa Senhora – consagrar a Rússia pelo seu nome, numa cerimónia solene e pública em que todos os Bispos participassem – levantaria as expectativas a um tal ponto que o Santo Padre ou a sua burocracia receasse uma perda de credibilidade se não se seguisse uma conversão

dramática da Rússia. Mas sabemos que estiveram dispostos a ligar tais riscos a consagrações parciais, em que a probabilidade de um resultado decepcionante seria de facto maior. Assim, eliminemos, para já, este primeiro receio possível, o receio de resultados que desapontem.

Segundo Receio:

Um segundo receio, que foi provavelmente o que predominou durante a era soviética, era o medo de que, se consagrasse publicamente a Rússia, seguir-se-ia uma retaliação da parte do regime soviético. Muitas pessoas naquele tempo acreditavam, e com razão, que a terrível perseguição que os Comunistas faziam aos Cristãos, e especialmente aos Católicos, ficaria ainda pior se a Santa Sé fizesse alguma coisa que provocasse os Russos.

Terceiro Receio:

Agora, pelo menos supostamente, a ameaça do Governo soviético já não existe, mas há um terceiro receio que emana da Rússia e que é mencionado com frequência – o receio de ofender os membros ou hierarcas da Igreja Ortodoxa Russa.

Um impedimento real – mas será a verdadeira razão?

Este terceiro receio – o receio de ofender os Ortodoxos – é mais do que especulação; é provavelmente a explicação corrente mais geralmente expressa entre os que concedem que há um tabu no Vaticano contra a menção da Rússia numa Consagração. E sabemos que afectou a Igreja no passado. Certamente esta preocupação ocupava um lugar importante na mente do Papa João XXIII, que tinha grande interesse em assegurar a participação dos Ortodoxos Russos no Concílio Vaticano II, e esta preocupação reflectiu-se na política de apaziguamento em relação ao Bloco Soviético, que o seu sucessor, o Papa Paulo VI, também apoiava antes e depois da sua elevação à Cadeira de S. Pedro. A mesma lógica subjacente à sua lamentável promessa de que os documentos do Vaticano II não incluíam qualquer condenação do Comunismo, podia também servir para rejeitar a Consagração da Rússia.

Agora o Comunismo supostamente desagregou-se, mas manter em primeiro plano a reconciliação entre Católicos e Ortodoxos continuou a ser uma preocupação importante de João Paulo II, como também de Bento XVI. Como noticiou o *Inside the Vatican* em Novembro de 2000, um destacado Cardeal, um dos conselheiros mais próximos de João Paulo II, disse particularmente que o Papa tinha sido aconselhado a não fazer menção da Rússia em nenhuma cerimónia de Consagração, porque isso ofenderia os Ortodoxos. Há uns três ou quatro anos, uma fonte de alto nível do Vaticano disse em privado que os próprios Ortodoxos tinham dito claramente aos seus homólogos católicos que qualquer menção à Rússia numa Consagração levaria todo o diálogo entre a Santa Sé e a Igreja Ortodoxa Russa a ser travado de repente.

Se isso é verdade, ficaria talvez resolvido o longo mistério de porque é que nenhum dos Papas – fosse qual fosse a sua ligação a Fátima – ousara consagrar a Rússia pelo seu nome. À luz da melhora notável nas relações entre Católicos e Ortodoxos que vemos realizar-se neste pontificado, a pressão para evitar ofender os Ortodoxos e precipitar um recuo trágico poderá ser agora mais forte do que nunca. Mas se é isso que está a bloquear a Consagração a Nossa Senhora de Fátima, o mistério é elevado a outro nível. Porque é que a Consagração da Rússia ofenderia os Ortodoxos?

A Consagração de um país, afinal, não é um anátema nem um exorcismo. É uma invocação de uma bênção e protecção especiais. O facto de Maria ter nomeado uma nação em particular para uma tal honra é sinal do Seu afecto maternal especial. Quando Nosso Senhor disse a Santa Margarida Maria que fizesse o Rei de França consagrar a sua nação ao Seu Sagrado Coração, a França era um país católico que estimava o título de “filha mais velha da Igreja.” Este pedido foi feito muito antes que a Revolução e o Reino do Terror revelassem o género de problemas contra os quais a Consagração poderia ter protegido aquela nação, se fosse cumprido no tempo devido. Quando a Irmã Lúcia transmitiu aos Bispos de Portugal o pedido de Nossa Senhora para uma Consagração episcopal do seu país – um pedido separado, a não confundir com o Seu pedido de Consagração da Rússia – os Bispos portugueses aceitaram com alegria. Muitas pessoas acreditaram que esse acto trouxe grandes bênçãos e protecção a Portugal nos anos vindouros, incluindo ter poupado a nação ao envolvimento na Guerra Civil de Espanha ou na Segunda Guerra Mundial.

Seria de esperar que qualquer nação que honrasse a Mãe Santíssima considerasse como um privilégio invejável ser escolhida de propósito para uma tal dignidade pela própria Santa Maria. Os Ortodoxos Russos honram Maria, e embora talvez não aceitem o milagre e a Mensagem de Fátima como tais, como sucede com alguns chamados “ramos do Cristianismo”, acreditam que Ela pode, e de facto assim sucede, intervir pessoalmente na história humana. A sua tradição é rica em milagres marianos oficialmente aceites e em revelações particulares, muitas vezes associadas a certos ícones.

Então, se as questões teológicas não parecem constituir um impedimento, porque é que a Consagração pedida em Fátima ofenderia os Ortodoxos Russos? Este ponto é importante para ser explorado, porque, se as verdadeiras questões subjacentes forem identificadas e abertamente tratadas, talvez possam ser resolvidas conjuntamente com base na razão, boa vontade e um autêntico diálogo. E talvez então o impedimento possa ser removido, em vez de se perderem os benefícios da Consagração.

Uma razão pode ser o orgulho nacional. Os Ortodoxos Russos sentir-se-iam insultados como Russos pela sugestão de que precisavam de se converter mais do que os povos de outras nações? O pedido de Nossa Senhora para a Consagração da Rússia foi feito no contexto de discutir não só a sua necessidade de conversão (uma coisa que todas as pessoas, mesmo as que estão em estado de graças, devem procurar constantemente), mas também os seus futuros erros, perseguições e responsabilidade por guerras, martírios e aniquilamento de nações. Este contexto daria a ideia de que a Consagração seria como uma censura ou um exorcismo, mesmo não o sendo pela sua própria natureza?

Isto seria compreensível, mas não é uma explicação provável. Como esses males anteriores se identificam tanto, em geral, com o Comunismo soviético e não com os Russos como um povo, pareceria que os Cristãos Ortodoxos – muitos dos quais também sofreram muito sob o regime soviético – muito provavelmente veriam qualquer censura como dirigida aos seus antigos opressores, e não a eles próprios. Devia ser possível tornar claro que ser consagrado a Nossa Senhora – por si ou por outrem – não limita em nada a liberdade de um indivíduo ou de uma nação, e serve apenas para fazer deles beneficiários especiais da protecção amorosa da Mãe de Deus. Este pensamento poderia ser anátema para um regime ateu, mas não podia ser uma honra mais natural para uma cultura tão ligada à devoção mariana como é a Rússia, e a Ortodoxia Russa. Na verdade, é a Igreja Ortodoxa Russa que sempre promoveu a ideia de que a “Santa Rússia” herdou o papel verdadeiramente único da Cristandade na história da salvação. De certa maneira, o pedido de Nossa Senhora de Fátima confirma e valida essa crença. Na verdade, uma definição da palavra “consagrar” é “pôr à parte” como coisa sagrada. Ser uma nação assim posta à parte pela Consagração a Nossa Senhora de Fátima integra-se perfeitamente na tradição russa. Por outro lado, esse significado da palavra perde-se por completo quando todo o mundo é consagrado.

Se, então, não é provável que a ideia de ser consagrada a Nossa Senhora ofenda os Ortodoxos Russos enquanto Russos, será provável que a ideia de ser consagrada pelo Pontífice Romano os ofenda enquanto Ortodoxos? Poderia ser uma simples questão de território. Devido à preeminência numérica e histórica da Igreja Ortodoxa na Rússia, é possível que considerasse presunçosa qualquer iniciativa Papal especificamente sobre a Rússia, como uma invasão do território ortodoxo. A um nível mais profundo, é possível que quaisquer orações católicas visando “a conversão da Rússia” – especialmente nesta era pós-soviética em que alguns sentem que ela já se converteu saindo do Comunismo – encontrassem oposição por visarem uma conversão da Ortodoxia ao Catolicismo.

Este último ponto, embora seja um desejo e uma intenção de oração perfeitamente apropriados da parte dos Católicos, seria sem dúvida sensível para os Ortodoxos. Isto, mais ainda do que a questão de território, é uma objecção potencial que verdadeiramente afecta os Ortodoxos Russos não simplesmente enquanto Russos mas enquanto Ortodoxos, e as relações entre as Igrejas Católica e Ortodoxa enquanto entidades religiosas distintas e, conseqüentemente, enquanto potenciais rivais à disputa dos corações dos fiéis. Considerando o objectivo de longa data do Vaticano em prol da reconciliação com os Ortodoxos, o actual desafio da civilização ocidental em declínio, que clama pelo testemunho comum de uma Igreja reunida, e os desenvolvimentos muito prometedores obtidos nos meses recentes nas relações entre o Vaticano e a Igreja Ortodoxa Russa, pode-se compreender facilmente a relutância do Santo Padre em fazer algo que iria fazer descarrilar esse processo.

Ed Faust apresentando a sua comunicação sobre “Fátima e a Espiritualidade Católica” em *O Desafio de Fátima*. Veja-se um excerto desta Comunicação a começar na [pág. 88](#). No primeiro plano, podem ver-se as nossas câmaras de televisão a gravar as alocações e a dar uma cobertura quase directa na Internetem [www.fatimachallenge.com]. As alocações da Conferência também estão disponíveis em DVD no Fatima Center. Veja as informações para as encomendar nas páginas 75 e 95 deste número.



Mas as divergências por resolver entre as duas Igrejas, assim como a sua rivalidade potencial na conquista da alma da Rússia, não foram causadas por Fátima, e recusar a Consagração a Nossa Senhora de Fátima não as fará desaparecer. De facto, no meu artigo em *Inside the Vatican*, expus uma conclusão surpreendente – que o potencial de Fátima para unir os grandes ramos oriental e ocidental da Cristandade é muito maior do que o potencial para os dividir ainda mais.

A tragédia do Grande Cisma é que as Igrejas Católica e Ortodoxa, que estão tão próximas nas crenças, na oração, na cultura, na devoção, na vida litúrgica e sacramental, apesar disso têm-se mantido divididas ao longo destes séculos. Ambas derivam a sua teologia e hierarquia de raízes apostólicas. As suas doutrinas divergem em apenas alguns de artigos de fé sem conta. Veneram juntas santos comuns, que partilharam o seu milénio de história conjunta. As suas práticas litúrgicas – especialmente considerando os Ortodoxos lado ao lado com os Católicos de Rito Oriental – seriam difíceis de distinguir para um observador externo casual. A posição exaltada da Mãe de Deus – não só na teologia, na piedade pessoal e na arte, mas até mesmo na experiência prática da Sua intervenção na História e nas vidas dos homens – é uma poderosa dimensão unificadora que as Igrejas Católica e Ortodoxa partilham. Mas a unidade que ambas professam desejar tem-lhes escapado. Ironicamente, não podem aproximar-se mais, não apesar do facto de já serem tão próximas, mas por causa disso.

Se a Igreja Católica e as Igrejas Ortodoxas fossem denominações protestantes, grupos separatistas cristãos, movimentos teológicos ou assembleias de pastores auto-ordenados, poderiam sentar-se à volta da mesma mesa e repensar as suas doutrinas e encontrar soluções de compromisso para as suas diferenças, porque aquelas denominações são entidades criadas por seres humanos. Mas nem as Igrejas Ortodoxas nem a Igreja Católica crêem ter o direito de fazer compromissos sobre doutrina, culto ou jurisdição. Cada Igreja professa que transmitiu fielmente a autêntica doutrina cristã desde

os tempos apostólicos, que a sua liturgia se desenvolveu organicamente desde o princípio, e que a autoridade assumida e exercida pela sua hierarquia baseia-se nos direitos e responsabilidades de uma derivação apostólica sem interrupção.

Estas afirmações de verdades e autoridade imutáveis contrastam de tal maneira com o resto do mundo cristão que deviam criar uma poderosa aliança entre Católicos e Ortodoxos e atraí-los uns aos outros. E assim sucede, mas apenas até ao ponto em que ambas as partes, para serem fiéis, devem insistir em que é impossível fazer mais compromissos. É claro que um tal impasse não pode ser superado apenas por meios humanos.

Vem Nossa Senhora de Fátima prometer que converterá a Rússia. A primeira impressão é que Ela parece estar exactamente a pisar o solo de que os Ortodoxos recuavam. Mas não há uma Maria Católica e uma Maria Ortodoxa; só há uma Mãe de Deus, a Quem ambas as partes têm recorrido através da História cristã, e a Quem ambas as partes encaram com inteira confiança. Que género de conversão é que Deus procura para a Rússia? Católicos e Ortodoxos responderiam sem dúvida de forma diferente, se tal lhes fosse perguntado, mas a beleza de Fátima é que ninguém tem que imaginar, decidir ou concordar que género de conversão Ela tem na ideia, para se cumprirem os Seus pedidos e esperar pela concretização das Suas promessas.

A chave está nas palavras do pedido e promessa de Nossa Senhora de Fátima:

“Virei pedir a Consagração da Rússia ao Meu Imaculado Coração ... Se atenderem a Meus pedidos, a Rússia se converterá e terão paz ... O Santo Padre consagrar-Me-á a Rússia, que se converterá, e será concedido ao mundo algum tempo de paz.”

Repare-se na atribuição de tarefas. Maria não diz ao Santo Padre ou a mais ninguém: “Se converterem a Rússia, trarei a paz.” Em vez disso, disse não uma, mas duas vezes: “Se consagrarem a Rússia, a Rússia converter-se-á.” Fica para Ela resolver a questão de que género de conversão haveremos de ter.

Suponhamos que a Rússia é consagrada pelo Papa juntamente com todos os Bispos Católicos, tal como Nossa Senhora pediu. Ao conformar-se com a vontade de Deus nas suas relações, tanto os Católicos como os Ortodoxos poderão em seguida observar o que irá acontecer. Poderia ser qualquer, ou quaisquer, das seguintes hipóteses:

- Talvez ocorressem mudanças muito visíveis na arena pública – um padrão diferente de serviço público, um fim de todo o género de abuso de autoridade, o florescimento da justiça social, o aparecimento de instituições harmoniosas de governação, a reconciliação entre regiões e grupos étnicos, o desaparecimento da corrupção política e do crime organizado, políticas internacionais que reflectissem um firme compromisso pela paz, tanto dos civis como dos militares, e dar honra a Deus na praça pública.

- Ou talvez a mudança fosse a nível individual, uma transformação moral que levasse os Russos a detestar os vícios, como o aborto, a pornografia e a embriaguez, e afastar-se deles, uma grande ânsia pela castidade e pelo compromisso marital por toda a vida, uma revolução nos negócios e na educação, uma elevação do nível do altruísmo que se reflectisse em actos de caridade e no desejo de ter filhos, tudo isto cimentado com um florescimento da Fé e do fervor religioso.
- Talvez os dirigentes e os fiéis comuns ortodoxos sejam, de facto, repentinamente possuídos por um desejo de se reconciliarem com Roma e não considerem um impedimento submeterem-se à autoridade papal e aos ensinamentos do Magistério.

Ou talvez um revivalismo religioso na Rússia traga um aumento de vocações, um renascimento da vida monástica, e uma participação muito aumentada na liturgia e nos Sacramentos, não só entre os Russos católicos mas também, ou até especialmente, entre os Ortodoxos, tornando claro a todos que o Céu olha favoravelmente para a Ortodoxia Russa.

A conversão da Rússia, de qualquer forma que tomasse, faria com que a humanidade olhasse com grande esperança para o cumprimento da promessa seguinte – a era de paz – e também teria certamente o resultado que Nosso Senhor disse à Irmã Lúcia que era o Seu grande objectivo: um grande movimento de gratidão e devoção ao Imaculado Coração de Maria. E uma modificação tão dramática na vida religiosa e moral do povo e do Governo da Rússia, vinda rapidamente depois da Consagração do Papa, dará pistas necessárias tanto para os Católicos como para os Ortodoxos sobre a direcção em que o Espírito Santo está a tentar levá-los. Sabemos, como Católicos, que a Igreja é guiada pelo Espírito Santo, e estou certo de que também os Ortodoxos – se acreditarem realmente que uma certa orientação é o que Deus e a Sua Santa Mãe desejavam – quereriam mover-se nessa direcção.

Pensando bem, portanto, não há uma razão válida para os Ortodoxos se oporem a uma Consagração papal da Rússia. Não lhes traria problemas. Se a iniciativa fosse de facto vazia, sem significado, inapropriada e/ou não o cumprimento de um autêntico pedido do Céu, ou não trouxesse resultados visíveis, não teria qualquer impacto. Mas se, de facto, Deus o quer, e se resultar em quaisquer, ou todos, os tipos de conversão na Rússia que atrás descrevi, provaria ser uma bênção inestimável para o povo russo, para as relações entre Ortodoxos e Católicos, e para todo o mundo.

Por isso penso, de certa maneira, que embora o receio de ofender os Ortodoxos seja actualmente a razão mais invocada para a relutância do Vaticano em consagrar a Rússia pelo nome, suspeito que esse receio – o número 3 da lista que tenho vindo a apresentar – possa ser um logro. Creio que a questão é real. Acho que é importante obter uma resposta dos dirigentes dos Ortodoxos Russos, para podermos resolver a fundo a questão, se for um impedimento, ou pô-la de lado se for um logro. Mas, entretanto, precisamos também de examinar alguns dos outros impedimentos possíveis, outros

receios que possam estar a impedir uma decisão de ir para a frente com a Consagração da Rússia.

Impedimentos no seio da própria Igreja

Quarto e Quinto Receios:

Alguns destes reflectem a oposição que nasce dentro da própria Igreja. Vamos falar de dois que vêm à memória, os quarto e quinto receios potenciais. Já mencionei o possível receio de que Maria não iria cumprir, e por que razão creio que essa preocupação pode ser definitivamente posta de lado. Outra possível fonte de oposição seria dos que estão dentro da Igreja e que, pelo contrário, receiam que essa Consagração faria demais em vez de menos. É certo que, durante o século que nos separa das aparições de Nossa Senhora em Fátima, hove, sem dúvida, personalidades da Igreja que se opuseram a um “excesso de ênfase” sobre Fátima, e que podiam recear que tentar uma Consagração da Rússia – mesmo, ou até especialmente, uma que desse resultados dramáticos – enviaria uma mensagem teológica errada ou elevaria, na sua perspectiva, as facções erradas na Igreja. Aqueles que querem que a Igreja abafe a piedade, o misticismo, a devoção mariana, o medo do inferno, a reparação e o sacrifício, a conversão dos pecadores – em resumo, todo o programa de Maria – sentir-se-ia naturalmente ameaçada por Nossa Senhora de Fátima. Estes são os obstrutores de Fátima a que nos poderíamos legitimamente referir como sendo “inimigos de Nossa Senhora,” e não Seus filhos que estão a hesitar meramente por ignorância, incompreensão ou timidez.

Não creio que o Santo Padre, passado ou presente, esteja entre essas pessoas, mas não tenho dúvidas de que existem algumas dentro da burocracia do Vaticano e entre os Bispos. Parte-se do princípio de que ninguém que se diga Católico, mesmo se promover uma agenda contrária, chegaria ao ponto de negar deliberadamente a paz ao mundo; mas é claro que não acreditariam, de qualquer modo, que Nossa Senhora fosse capaz de trazer a paz pelo meios que Ela descreveu.

Mas além desses que duvidam de Nossa Senhora, sabemos também que certos postos administrativos e pastorais na Igreja são ocupados, de facto, por não-crentes declarados, quer sejam agentes ali plantados por inimigos da Igreja, quer simplesmente filhos errantes que perderam a Fé. É possível que estes lobos em pele de cordeiro estejam em cargos que lhes permitam argumentar contra a Consagração da Rússia e obstruí-la. Só podemos ter esperança e rezar para que sejam poucos e de influência que vai diminuindo.

O facto de que poderá ser necessário mais do que simplesmente o desejo do Santo Padre para consagrar a Rússia leva-nos ao quinto receio potencial: E se não é objectivamente possível cumprir a condição de Nossa Senhora de que todos os Bispos Católicos do mundo participem na Consagração? E se fosse programada uma Consagração mencionando a Rússia pelo seu nome, sendo todos os Bispos Católicos encarregados de participar, mas alguns deles se recusassem? A Irmã Lúcia indicou que era possível alguma margem de manobra para os Bispos que se vissem impedidos de

participar por um Governo hostil ou qualquer outro problema, mas é evidente que um boicote deliberado podia viciar toda a iniciativa. Se, de facto, o Vaticano acredita que teria que pagar um preço nas áreas geopolítica ou ecuménica se decidisse consagrar a Rússia pelo seu nome, muito menos estaria disposto a correr este risco se, de qualquer maneira, não conseguisse cumprir o que Maria Santíssima tinha pedido.

Têm sido sugeridas várias soluções para este problema potencial. Por exemplo, o Santo Padre podia anunciar antecipadamente que qualquer Bispo diocesano que se recusasse a participar teria *ipso facto* apresentado a sua resignação, que seria aceite, deixando a sua Sé vaga. Esta opção está prontamente disponível, mas qualquer Papa a consideraria com graves objecções, especialmente se não soubesse a extensão da desobediência potencial. Ainda em 1987, o Cardeal Stickler disse que a Consagração não tinha sido feita, e que a razão para tal tinha sido a incerteza sobre como assegurar a participação de todos os Bispos. Sabe-se também que o Papa João Paulo II teve algumas preocupações sobre isto.

Este receio não é desprezível, se considerarmos que, infelizmente, alguns Bispos estão quase de certeza incluídos entre os lobos em pele de cordeiro já mencionados. Mas se o Santo Padre estivesse determinado em fazer uma Consagração da Rússia de acordo com Fátima, e os Bispos recalcitrantes fossem o único impedimento, estou certo de que os peritos de Direito Canónico na Igreja podiam chegar a uma solução técnica apropriada. O facto de esta questão ser pouco discutida indica uma falta de urgência em solucionar o problema. É o que se esperaria, enquanto os receios de consequências externas continuarem a bloquear, de qualquer maneira, a Consagração da Rússia pelo seu nome.

[**Nota do editor:** Escrevemos aos Bispos todos os meses. Menos de dez têm a franqueza de dizer que não obedeceriam.]

Poderá haver realmente uma ameaça externa?

Sexto Receio:

Isto leva-nos ao último cenário de receio. E se a ameaça de uma fonte exterior é de facto o impedimento misterioso que impede que o Vaticano consagre a Rússia pelo nome?

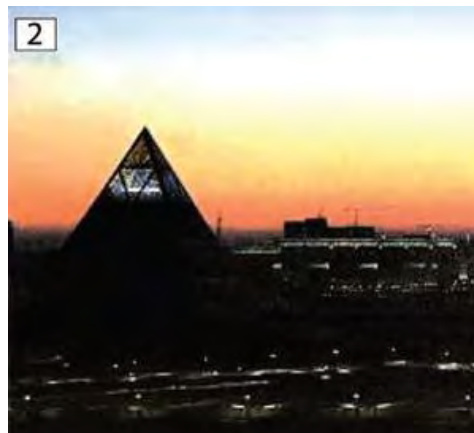
Isto não é tão inconcebível como se possa imaginar. De facto, até 1989 era a explicação mais geralmente aceite. Como já mencionei, até ao colapso da União Soviética, muita gente pensava que era o medo de retaliação por parte do Governo soviético que impedia a Igreja de actuar decisivamente no que dizia respeito à Rússia. É certo que a descrição profética de Nossa Senhora de Fátima do papel destrutivo da Rússia na história do Século XX era algo que o Governo russo daquele tempo podia bem considerar ofensivo. A vulnerabilidade dos Cristãos no território soviético dava-lhes meios e motivos para lhes causar mal em retaliação. Até à Consagração que o Papa João Paulo II fez em 1984, este receio podia bem ter impedido que se mencionasse a Rússia. Mas agora, na era pós-soviética, esta explicação é mais difícil de manter.

A ameaça externa, porém, pode não ter desaparecido. Um receio potencial é a possibilidade de que a ameaça soviética não esteja tão morta como se pensa. Todas as razões de prudência que se aplicavam durante a era soviética poderiam ainda aplicar-se, se os especialistas dentro do Vaticano acreditassem que ainda existia o potencial para uma retaliação desse lado. É um facto que uma minoria pequena, mas intelectualmente respeitável, da opinião mundial advoga a necessidade de se ter cuidado com o tigre soviético que dorme. Alguns críticos, incluindo o antigo agente do KGB Anatoliy Golitsyn, chegam mesmo a alegar que todo o drama da mudança na União Soviética em 1989 foi um engano coreografado, cuja intenção era levar o Ocidente à complacência. Embora todas as indicações sugiram que os responsáveis pela política do Vaticano acreditam que o colapso do Comunismo soviético foi uma oportunidade autêntica e talvez enviada pelo Céu, há sempre a possibilidade de que a sua atitude pública oculte preocupações em privado. Se ainda há, de facto, ameaças vindas desse lado, deveriam ser levadas a sério.

Finalmente, devemos ter presente que não é necessário que a ameaça venha da Rússia para que nomear a Rússia numa Consagração a Nossa Senhora de Fátima seja o rastilho. Nem podemos – depois de um século em que os “erros da Rússia” se espalharam efectivamente por todo o mundo – partir necessariamente do princípio de que todas as forças mais poderosamente organizadas em apoio desses erros no mundo de hoje venham do território russo.

Sabemos que Maria Santíssima tem verdadeiros inimigos, quanto mais não sejam os inimigos infernais mencionados nas Sagradas Escrituras. Não deveríamos admirar-nos se pelo menos alguns dos que procuram atrasar ou impedir a Consagração da Rússia pelo seu nome fossem motivados, não por recearem o fracasso ou danos colaterais à Igreja, mas por estarem literalmente a trabalhar em oposição aos desígnios de Nossa Senhora. Procurariam evitar que se cumprissem os desejos de Maria Santíssima porque, de facto, não querem a conversão da Rússia, a vinda de uma paz verdadeira para o mundo, ou o triunfo do Imaculado Coração de Maria. Estes, se acaso existirem, seriam inimigos que o Vaticano reconhece como tais, mas não ousa ofender pelas mesmas razões de que teriam que obedecer a um chantagista ou a um terrorista que tivesse arranjado reféns. Ao contrário da antiga URSS, embora talvez incluindo-a, estes inimigos não precisariam de ter algum interesse especial na Rússia como tal. O seu interesse é simplesmente destruir a Igreja Católica.

Tais como os ideólogos anti-marianos dentro da Igreja, estes inimigos externos podiam actuar por dentro, colocando-se em lugares de onde pudessem manipular os pensamentos e os receios dos outros, reforçando a percepção de que a Consagração da Rússia seria problemática de várias maneiras, seria uma coisa que era melhor não ser feita, ou pelo menos não ser feita neste momento. Podiam usar a sua influência fazendo pressão directa sobre a Santa Sé, ou convencendo os Ortodoxos a manter uma posição a que Roma não queria opor-se.



Astana: (1) No cimo da pirâmide esotérica geo-maçónica desenhada por Sir Norman Foster. Neste nível, o “iniciado” é “iluminado”, e a pedra angular pitagórica, no esplendor da luz solar, saúda o visitante na sua “busca”. Foster parece ter desenhado a maior parte dos novos edificios e recintos nesta cidade dedicada a satanás. (2) A estrutura de Foster à noite. Sobre este tema, leia “O Anticristo virá a seguir?”, a começar na [página 3](#). [Fotografias de *Soviet Analyst*, Vol. 31, Números 6 e 7 (2010 A.D.).]

Mas também é possível que um inimigo externo – actuando abertamente como um inimigo externo – possa estar, de facto, a fazer ameaças de grande impacto. Uma ameaça directa poderia ser de muitos tipos – violência física contra pessoas ou destruição de locais, revelação de segredos prejudiciais, represálias económicas contra instituições do Vaticano, provocando cismas ou apostasias, ou desencadeando catástrofes ecológicas. As ameaças poderiam dirigir-se expressamente ao Santo Padre, ou ao Vaticano, ou aos Católicos em todo o mundo, ou a nações inteiras, ou até mesmo – se implicasse o uso de armas de destruição maciça – a todo o mundo.

Ninguém no Vaticano sugeriu que tivessem as mãos atadas quanto a Fátima por um inimigo externo deste género, mas é uma possibilidade que não pode ser posta de lado, especialmente se, ao agravar-se a situação, nenhuma outra razão para reear a menção da Rússia se mostrem válidas ao serem analisadas. A minha opinião, valha ela o que valer, é que este cenário – embora seja assustador de se considerar – é mais plausível do que qualquer dos outros cenários. Um medo autêntico deste género explicaria mais sobre as perguntas por responder do que o medo de ofender os Ortodoxos, ou o de criar expectativas que a Virgem Maria não pode cumprir, ou o de não ser possível mobilizar todos os Bispos, ou até o de supra-enfatizar a devoção mariana na vida da Igreja.

III PARTE

O que está em jogo é enorme

Desde o início que Roma tem lidado com Fátima não tanto como uma revelação privada, como um assunto delicado de diplomacia, cheio de consequências geopolíticas. Mesmo antes de 1960, havia uma certa preocupação de que o Segredo podia cair nas mãos erradas, e foram impostas restrições à possibilidade de a Irmã Lúcia falar livremente.

Em 1989, a Irmã Lúcia foi silenciada quase por completo. Quando o Vaticano anunciou a revelação do Terceiro Segredo em 2000, teve grande preocupação em interpretar a visão com uma abordagem retrospectiva do Século XX. Tal como a repressão de 1989 sobre as dúvidas acerca da Consagração de 1984, esta acção parecia ser calculada para impedir mais especulações sobre o que pudesse estar a acontecer no mundo, e particularmente na Rússia, que pudesse constituir uma ameaça para a paz em geral, e para a Igreja em particular. A orquestração daquela divulgação e até a construção altamente ponderada da declaração explicativa traía a linguagem e a arte da diplomacia. Se consideramos o papel-chave que o Cardeal Bertone desempenhou na gestão delicada desse caso, que me pareceu ser o principal desafio diplomático dos anos pós-Milénio de João Paulo II, era para mim quase inevitável, a seguir à eleição do Papa Bento XVI, que este prelado – embora sem outra experiência diplomática – fosse nomeado Secretário de Estado, e continuasse a gerir a saga de Fátima nessa capacidade.

O Desafio de Fátima

Que espécie de realidade geopolítica fornece o contexto para o desafio de Fátima?

Sabemos que Maria e o Seu inimigo [satanás], desde o princípio da história, são protagonistas de uma luta monumental, e que esta luta é sobre as almas individuais, assim como sobre a ordem temporal, enquanto se avança para a época de paz que Ela prometeu ou para a submissão ao Anticristo. Sabemos que a Santa Sé, fortaleza do Vigário de Cristo na terra, está sempre sobre ataque diabólico – à semelhança de outros estrategas militares, o inimigo não ataca os soldados e ignora os generais. Sabemos que, durante décadas, a Rússia foi a base do maior e mais avançado tecnologicamente império oficialmente ateu que o mundo já conheceu; e embora demos graças pela sua implosão, não podemos rejeitar a possibilidade – ou até mesmo a probabilidade – de que continuem a existir no terreno pelo menos alguns vestígios humanos leais às forças de elite do demónio (Vejam-se as fotos das páginas [2](#), [22](#) e [51](#)), assim como os materiais que os tornem perigosos.

Sabemos também que as forças do humanismo ateu, embora estejam em retirada no seu disfarce totalitário, estão vivas e de boa saúde nas diversas capitais do mundo, alcançando vitórias sucessivas na luta para destruir os fundamentos da sociedade humana na lei divina, colocando em seu lugar o aborto, a perversão, a pornografia e uma série de outras abominações. Sabemos que o Marxismo-Leninismo foi apenas uma expressão de

um monstro multifacetado que desde há séculos tem ganho terreno, orquestrado por forças ocultas nos bastidores.

Nossa Senhora de Fátima veio à Terra num momento crítico desta batalha cósmica. Estaremos a seguir a Sua chefia? Sim, a guerra requer uma estratégia, e às vezes a estratégia requer movimentos defensivos, como fazer de conta, ganhar tempo, e não deixar que o inimigo saiba tanto como nós. Mas outras vezes também requer passar à ofensiva.

No cenário de Fátima, estamos numa corrida contra o tempo. Já mencionei, a respeito do Terceiro Segredo, que alguns observadores acreditam que a mensagem suprimida poderia dar informações secretas a forças do mal, e que a Igreja, pelo seu silêncio, está a ganhar tempo para as forças do bem fecharem a “falha tecnológica” que as faz vulneráveis. Mas também pode ser verdade, quanto à Consagração, que são os “maus” que precisam ganhar tempo – que estão a procurar desesperadamente atrasar a Consagração da Rússia completa, feita pelo seu nome, até terem consolidado o seu poder. No caso, talvez improvável, de que o cenário da “ameaça externa” que expliquei prove corresponder à verdade – se há forças invisíveis mas poderosas a fazer pressão sobre o Vaticano ou sobre os Ortodoxos, com consequências terríveis se a Rússia fosse consagrada – seria mulher confrontá-los agora, em vez de mais tarde.

É assustador imaginar que pode haver um interveniente maligno com poder suficiente para chantagear a Santa Sé, mas se existisse, a sua orientação seria claramente diabólica, e não haveria razão para crer que ceder às suas exigências impediria que se concretizasse o mal com que ameaçou. Satanás não luta com limpeza. Pode ser tudo apenas um jogo cósmico de desafio, em que a ameaça de uma represália post-Consagração é um bluff, em que é o lado do inimigo que está a tentar desesperadamente ganhar tempo para um ataque que está a preparar mas que não está bem pronto para executar, e em que a Consagração faria de facto parar, e não desencadear, a calamidade que nos ameaça.

Já mencionei o slogan constante do Papa João Paulo II: “Não tenhais medo!” Mas, como vimos, tanto ele como todos os outros Papas que tentaram responder aos pedidos de Nossa Senhora de Fátima parece ter medo de mencionar a Rússia pelo seu nome. Se este medo debilitante é de uma catastrófica represália diabólica ou simplesmente de consequências humanas normais – como atrasos no ecumenismo, complicações políticas ou embaraço público – é altura de denunciar o bluff de satanás. O pedido da Virgem Maria é simples. A Igreja reconheceu a sua autenticidade. Tudo o que resta é fazer o que Ela mandou.

E o tempo está a passar.

O Papa João Paulo II, falando em 1980, disse que o castigo de que Nossa Senhora nos avisou já não podia ser evitado, mas apenas mitigado. É trágico pensar na quantidade de sofrimento humano que resultou dos males do século passado – a “Guerra ainda pior” (Segunda Guerra Mundial) que Nossa Senhora anunciara, o flagelo do Nazismo, a

subjugação da Europa Ocidental, as perseguições da Igreja na Rússia, em Espanha e ainda hoje na China, e os milhões sem conta de assassínios que vão saindo da boceta de Pandora do Bolchevismo – Lénine, Stálin, Mao, e até o holocausto dos abortos por todo o mundo que teve o seu começo na Rússia Soviética. Quanto de tudo isto poderia ter sido evitado, se os pedidos de Nossa Senhora tivessem sido atendidos, digamos, já pelos anos de 1930?

Nos trinta anos que se passaram desde que o Papa João Paulo II fez estes comentários, para além do ataque contra o próprio Santo Padre, vimos a crise moral agravar-se progressivamente em todo o mundo – a guerra contra as crianças por nascer expande-se para a clonagem e para a exploração dos embriões; exigências dos homossexuais expandem-se de tolerância pela perversão para intolerância pelo ponto de vista contrário; a cultura popular afundou-se cada vez mais na violência e na degradação.

Apesar da benvinda queda do regime soviético, a arena global tem presenciado guerras constantes no Médio Oriente, genocídio em África, limpeza étnica nos Balcãs, ameaças nucleares na Coreia, o ataque do 11 de Setembro e a ascensão crescente do Islamismo militante, a aceitação da tortura e o espectro do terrorismo à escala mundial. O fenómeno da globalização – que concentra cada vez mais o poder económico e político em cada vez menos mãos e em entidades cada vez maiores – oferece potencial para o avanço da humanidade, mas também tira cada vez mais os poderes individuais, e o mal é potencialmente mais difícil de combater.

Nas áreas cinzentas das sombras, em que os “actos de Deus” nem sempre são fáceis de separar das obras das mãos humanas – talvez mãos humanas ajudadas por interferência diabólica – temos visto uma cascata de desastres humanitários e ecológicos: fomes, secas, fenómenos meteorológicos estranhos, tsunamis, furacões, terremotos, incêndios incontrolados e mudanças climáticas, ao mesmo tempo de grandes avanços na tecnologia de espionagem electrónica, novas doenças assustadoras, bebés pré-desenhados, e progressos na tecnologia das armas químicas e biológicas. Muita gente tem observado alterações no ambiente físico que os governos e a comunicação social se recusam a tratar.

Pareceria óbvio que, se o Santo Padre e os Bispos podem, por um simples acto, conseguir a conversão geral de uma das maiores nações do mundo e um período de paz para todo o mundo, seria melhor fazê-lo, quanto mais depressa, melhor. Além de que, do ponto de vista do demónio, até um pequeno atraso pode representar uma cobiçada vitória, se lhe permitir desencadear alguma peste nova e desconhecida – entendida literal ou figurativamente – sobre a Humanidade.

Quem sabe que planos estará a aperfeiçoar neste mesmo momento – novos tiranos carismáticos, em preparação para conduzir as massas algures no mundo, novos escândalos a ser orquestrados para destabilizar e derrubar governos, novas visões do mal a desenvolver-se nas mentes de terroristas, novas maneiras de minar o casamento e a vida da família, novas guerras entre nações ou civilizações inteiras, novos escândalos e perseguições para tolher a Igreja?

Quem sabe onde possa estar a esconder armas nucleares, a conspirar para as colocar nas mãos erradas? Quem sabe que horrores possa estar a aperfeiçoar nalgum laboratório desconhecido, quase prontos para passarem da fase de estudo para os noticiários da tarde – uma nova doença, um novo tipo de desastre natural, uma monstruosidade geneticamente manipulada, ou uma nova arma de destruição em massa?

O tempo não está do nosso lado. O centenário das aparições de Fátima, que se aproxima e se festejará em 2017, não será reconfortante se nos lembrarmos do aviso que a Irmã Lúcia recebeu, há mais de 80 anos, de Nosso Senhor – que, como os Seus ministros “seguirem o exemplo do rei de França na demora em executar o Meu mandato, tal como a ele aconteceu, assim o seguirão na aflição.” Nós, tal como a Irmã Lúcia, conhecemos o contexto dessa referência. Em 17 de Junho de 1689, Nosso Senhor, através de Santa Margarida Maria, ordenou ao Rei de França que consagrasse o seu reino ao Seu Sagrado Coração. O monarca reinante, e cada um dos seus sucessores, tiveram conhecimento do pedido de Nosso Senhor, mas foram aconselhados a que não o cumprisse, por quaisquer razões que devem ter perecido ser “prudentes” naquela altura. Exactamente cem anos depois, em 17 de Junho de 1789 – dada que foi considerada por alguns historiadores como a data do início da Revolução Francesa – o Rei Luís XVI foi confrontado por uma Assembleia Nacional que o desafiou, na sequência de acontecimentos trágicos que acabariam com a sua execução, quatro anos mais tarde.

Da mesma maneira, Papas sucessivos adiaram o cumprimento do pedido de Maria para o Santo Padre efectuar uma Consagração solene da Rússia ao Seu Imaculado Coração em união com todos os Bispos Católicos do mundo. “Ora muito pelo Santo Padre!” Nosso Senhor tinha dito também à Irmã Lúcia: “Ele há-de fazê-la, mas será tarde! No entanto, o Imaculado Coração de Maria há-de salvar a Rússia. Está-Lhe confiada.”

E assim o tempo continua a passar.

Como é que Roma corresponderá?

A nossa luta – diz-nos o Espírito Santo através de S. Paulo – “não é contra carne e sangue, mas contra principados e poderes, que governam este mundo das trevas, os espíritos malignos que estão em altos cargos.” (Efés. 6:12) O nosso adversário infernal nunca teve falta de colaboradores aqui na Terra, e de estruturas e redes humanas através das quais os organiza. Embora a sua identidade esteja sempre mascarada e continue oculta aos olhos de muitos, nesta Conferência fiquei impressionado com a clareza com que tanto oradores como participantes parecem conhecer o seu inimigo e nomeá-lo abertamente. Talvez a urgência da hora se tenha sobreposto aos cuidados habituais.

D. Joseph R. Rodericks, Bispo Emérito de Jamshedpur, Índia, era amigo de longa data e apoiante do Fatima Center. O Bispo Rodericks enviou uma carta a todos os Bispos da Índia, incitando-os a irem à Conferência *A Última Oportunidade para a Paz no Mundo* que decorreu em Tuy (Espanha) e Fátima (Portugal) em Outubro de 2006. Também em 2010, ele enviou várias cartas encorajando padres, Bispos e peritos em Fátima a assistirem à Conferência *O Desafio de Fátima*, que decorreu em Roma, em Maio desse ano. O Bispo D. Joseph R. Rodericks partiu para a sua recompensa eterna a 14 de Julho de 2010, aos 88 anos de idade. Queiram rezar pelo eterno descanso da sua alma!



A corrida já começou. Não sabemos ao certo se o Senhor nos dará os cem anos certos que concedeu aos Reis de França, ou, se os der, actuará precisamente nesse momento. Mas, sem dúvida, devemos perguntar a nós próprios como é que estes sete anos, potencialmente preciosos, podem ser usados com o melhor efeito para avançar o triunfo de Nossa Senhora, enquanto os Seus inimigos trabalham contra ele, sabendo que cada atraso adia essa bênção e dá mais tempo a que novos males floresçam.

Do que podemos ter a certeza é de que, enquanto falamos, forças sinistras continuam a reunir-se atrás de portas fechadas, desenhando estratégias de morte e destruição para a humanidade, de imoralidade e de apostasia, de controlo de governos e instituições, e esperando atrasar o reinado de Cristo, derrubando a Sua Igreja.

Qual a contra-estratégia que a Igreja está a preparar?

Como é evidente, a resposta generalizada de todos os Católicos seria praticar e promover os actos de oração, penitência e devoção ao Imaculado Coração que Ela pediu a todos nós, e rezar também, para que o Santo Padre e os Bispos cumpram os papéis específicos que lhes foram exclusivamente destinados; mas a questão mais fulcral é como o nosso Santo Padre encara pessoalmente estes desafios.

A seguir à eleição do Papa Bento XVI, o editor do jornal britânico *Catholic Herald* escreveu no periódico secular *London Spectator*: “Uma das alegrias de ler Ratzinger é verificar como ele, muitas vezes, se desvia subtilmente das obsessões de João Paulo; seria surpreendente se ouvíssemos mais alguma coisa sobre Fátima durante este pontificado.” Graças aos Céus, podemos desvalorizar esta avaliação como sendo típica da parcialidade e da ignorância que encontramos diariamente na comunicação social, tanto católica como secular. A próxima visita de Sua Santidade a Fátima sublinha o que as pessoas bem informadas já sabiam: de facto, havemos de ter outro Papa verdadeiramente Mariano, que tome com “absoluta seriedade” a intervenção de Nossa Senhora na História, ao aparecer em Fátima.

Todavia, se nos recordarmos do papel central do então Cardeal Ratzinger na apresentação, em 2000, da visão do Terceiro Segredo como um livro fechado, teremos que perguntar a nós mesmos se (ou, talvez, até que ponto) ele acredita pessoalmente que os avisos de Fátima já foram totalmente revelados, cumpridos e consignados à história do Século XX, ou se – escudado pela protecção táctica dessa posição pública – ele, também por detrás de portas fechadas e no seu coração, está a arcar todos os dias com o fardo de como corresponder ao assunto inacabado de Fátima.

Tem havido um certo número de relatos fragmentários e não confirmados que levantam questões fascinantes, e seria um bom desafio para os eruditos entre nós se os verificassem. Um site católico da internet relatou que, quando o Cardeal Ratzinger falou na igreja de S. Pedro em Nova Iorque em 27 de Janeiro de 1988, alguém lhe disse: “Eminência, gostaria que pedisse ao Santo Padre, o Papa João Paulo II, que consagrasse a Rússia ao Imaculado Coração de Maria, imediatamente e em união com todos os Bispos do mundo.” A resposta que alegadamente deu – simples, directa e espantosa, à luz da política do Vaticano depois de 1984 – foi: “Eu sei que tem que ser feita!”

Em meados de 2005, depois de ser Bento XVI, diversas fontes on-line recolheram um dado que tinha aparecido no número de Maio-Junho da revista francesa *Sous la Bannière*, em que uma fonte anónima afirmou que o Cardeal Ratzinger tinha recentemente dito a um Bispo austríaco, que era seu amigo: “Tenho dois problemas na consciência: o Arcebispo Lefebvre e Fátima. Quanto ao último, a minha mão foi forçada.” Sem imputar fidedignidade ao relato anónimo, se este foi verdadeiro, seria muito interessante determinar que mão forçou o Cardeal, e por que razões.

Certamente o Santo Padre não é ingénuo quanto à guerra em que ele e a Igreja estão envolvidos, os perigos do nosso tempo, as profecias de S. João Bosco e de S. Pio X e outros, e o significado do horário de Fátima. Coisa interessante, disseram-me que um visitante que esteve no Vaticano no ano passado aproveitou a ocasião de um encontro com o Santo Padre para lhe perguntar o que considerava ser o maior perigo com que a Igreja se defronta hoje. Pode-se imaginar sem dificuldade a grande variedade de preocupações possíveis que o Papa Bento XVI poderia ter citado: O avanço do secularismo do Estado? A legislação contra a vida e a família? A perda da Fé? O descontrolo litúrgico? A crise de vocações? O escândalo da pedofilia? O colapso

económico global? A perseguição de Cristãos? O Islão militante? Guerras, a SIDA, e outros problemas no mundo?

A sua resposta reveladora – ao mesmo tempo simples e directa – foi: “A Maçonaria.”

É evidente que, como S. João Bosco previu, a Barca de Pedro está sob ataque. Não precisamos de nos basear no género de relatórios não confirmados a que acabei de me referir para saber que está a decorrer uma luta monumental, que o tempo é de importância essencial, e que o nosso Santo Padre compreende o que está em jogo.

Como João Paulo II, que dissera aos seus ouvintes em 1980 que se preparassem para grandes dificuldades e estivessem prontos a dar até a própria vida durante a tribulação que estava para vir, também o Papa Bento XVI enfatizou o tema do martírio. Desde o início do seu pontificado, nos seus encontros com os Bispos, exortou-os acerca da importância de estarem dispostos a dar a vida pelas suas ovelhas. Na Missa da sua própria instalação, falou bastante sobre a fidelidade até ao martírio, que se espera dos Bispos e do próprio Santo Padre. E pediu aos fiéis: “Rezem por mim, para que eu não fuja com medo dos lobos.”

Devemos realmente fazer isso. Perante o mistério de Fátima, o desafio de Fátima, a coisa de que a Igreja, o Santo Padre e todos nós precisamos é ter presente a exortação tantas vezes repetida pelo Papa João Paulo II, mas que, no caso de Fátima, escapou ao seu âmbito: “Não tenhais medo!”

A caminho do fim deste tempo da Páscoa, faremos bem em nos lembrarmos das palavras que em cada ano cantamos na Sequência da Páscoa: *Victimae Paschali Laudes*: “*Mors et Vita duello conflixere mirando*” – “A morte e a vida estão a lutar num espantoso conflito, num admirável duelo.” Não importa quão terrível seja a batalha; sabemos que já foi ganha por Nosso Senhor Jesus Cristo. Com esta confiança, podemos enfrentar o assunto inacabado de Fátima, rezando para que se apresse o dia em que o nosso Santo Padre consagre a Rússia, em que a Rússia se converta. em que triunfe o Imaculado Coração de Maria, e em que seja dado à humanidade um tempo de paz.

Muito Obrigado!

Nota: Apresentamos aqui uma versão um pouco mais pormenorizada do que o texto apresentado na Conferência, uma vez que, por razões de tempo, algumas partes foram omitidas ou parafraseadas durante a sua apresentação.

H:\documents\ac docs\Program Comm\Foreign Languages\Portuguese\JV & CR articles\CR90-99\336 cr96p23 CP Fats unfinished business Port Final.doc